

‘Árvores da minha vida’: uma experiência de Arte- -educação que busca desenvolver o olhar para o espaço de vivência do aluno

*‘Trees of my life’: an Art-education experience
that seeks to develop the look of the student’s
living space*

CLÁUDIA MATOS PEREIRA*

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2017 e aprovado a 29 de maio de 2017.

*Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas Artes 14, 1200-005 Lisboa. CIEBA. E-mail: claudiamatos@gmail.com

Resumo: Apresenta-se um trabalho realizado com turmas de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I no Brasil, no Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora. O tema — árvore — foi proposto em aula, como elemento desencadeador do processo. Enquanto metodologia e prática, este é um processo que pode ser aplicado a outros temas em aula, que envolvam Arte e a percepção espacial do universo do aluno.

Palavras-chave: Arte / Educação Artística / Percepção espacial / Abordagem Triangular / Imagem e cultura.

Abstract: We intend to present a work done with classes of students of the 4th year of Elementary School I in Brazil, at Colégio de Aplicação João XXIII (Universidade Federal de Juiz de Fora). The theme — tree — had been proposed in class, as a triggering element of the process. As a kind of methodology and practice, this process can be applied to other topics in class, involving art and the spatial perception of the student universe.

Keywords: Art / Artistic education / Spatial perception / Triangular approach / Image and culture.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar um trabalho realizado com turmas de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I em Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, Brasil, em uma escola vinculada à Universidade Federal de Juiz de Fora: o Colégio de Aplicação João XXIII. As aulas tiveram como fundamentação a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, referência em Arte-educação no Brasil. Como estratégia inicial, o tema — árvore — foi colocado em aula, como elemento desencadeador do processo. O objetivo final deste projeto não foi revelado propositalmente aos alunos para que fossem descobrindo, passo a passo, suas relações e interações com o espaço e a natureza.

1. Ampliação do olhar, um desafio

É observável em sala de aula, que além das formas criativas que as crianças desenvolvem em seus trabalhos artísticos, existem formas e imagens esquemáticas que os alunos reproduzem repetidamente de uma maneira rápida. Pode-se verificar, por exemplo, as representações de uma nuvem, de um coração ou de uma árvore. A forma esquemática de um coração, geralmente, não corresponde a um coração humano real e geralmente a nuvem e a árvore são também repetidas pelo aluno em seus desenhos, através de esquemas pré-concebidos. Como então trabalhar o tema — árvore — para que o aluno amplie sua capacidade de olhar para as árvores que circundam a sua vida cotidiana, perceber suas características, diversidades e mudanças, de acordo com as estações do ano? Como o aluno pode deixar de lado intuitivamente, a expressão de uma árvore-ideia que se repete, para aguçar sua curiosidade e percepção, desenvolvendo uma representação própria, a partir de um olhar mais investigador para as diversas árvores que existem no espaço em que vive?

Segundo Ernest Gombrich:

Em lugar de falarmos em ver e conhecer deveríamos falar em ver e tomar conhecimento. Nós só observamos quando procuramos alguma coisa e vemos quando a nossa atenção é despertada por algum desequilíbrio, uma diferença entre a nossa expectativa e a mensagem que chega (Gombrich, 1995:183).

Acredito que inicialmente, ao se propor uma conscientização-reflexão acerca das árvores que estão presentes nos trajetos percorridos pelo aluno no seu dia a dia, isto poderá contribuir para uma educação do olhar. Como elaborar uma estratégia com este objetivo?

Conforme Rudolf Arnheim (1997:149-150), se o professor chegar à conclusão de que todos os elementos que contribuem para a aprendizagem são inerentes ao

ato da percepção e que, mediante o uso das imagens pode se efetivar um pensamento realmente criativo, caberá ao professor conscientizar-se de que o seu material visual deverá satisfazer determinados requisitos que contribuam para que ele atinja seus objetivos. Assim, as formas, os contornos, relações entre figura-fundo, contrastes, luminosidade, composição, estruturas e configuração, serão determinantes naquilo que se irá ver e apresentar aos alunos. Deve-se também, por exemplo, ver, analisar o objeto e as suas interações com o espaço, contexto e demais objetos. Para o referido autor, “a verdadeira educação visual pressupõe que o mundo pode mostrar ao olhar uma ordem intrínseca, e que *ver* consiste em compreender esta ordem.” Em um primeiro contato com um objeto ou imagem, a compreensão requer o uso de todas as faculdades humanas, não havendo uma fase preparatória para uma “percepção pura.” O autor complementa ao dizer que “o pensamento, em que toda a verdadeira aprendizagem se baseia ocorre nas fontes, e lá continua.”

Pode-se dizer que todas as compreensões/percepções acerca do mundo visível, sedimentadas durante a vida, compõem um arcabouço de registros visuais em nossa memória. Quando se propõe uma atividade artística à um aluno, este irá recorrer a este acervo pessoal e íntimo, na execução de seu trabalho. Por este motivo, há que se buscar metodologias para o desenvolvimento de um olhar investigador. Quando Picasso diz “eu não busco, eu encontro,” Gombrich (1995:379) sugere que ele chegou a considerar como algo natural que o ato criativo seja, em si mesmo, uma exploração. Pode-se dizer que a ampliação do olhar ocorre na prática de um olhar investigador-explorador.

Rudolf Arhein (1997:150) afirma que “a arte torna o mundo visível” e complementa: “só num sistema educativo dedicado em conjunto e em cada uma de suas atividades ao propósito de tornar o mundo visível, pode ter sentido o cultivo teórico e prático das artes”. A disciplina Arte na educação brasileira, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), tem como referência a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010) que preconiza a inter-relação entre a leitura de imagem (e também a fruição estética) o fazer artístico e a contextualização (a história da arte) que engloba a cultura, os contextos sociais e históricos, a cidadania e todas as relações da realidade com a leitura da imagem.

Em uma entrevista concedida em 2016, na Universidade do Estado de Santa Catarina — UDESC, em Florianópolis, durante o evento 9º Ciclo de Investigação do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Ana Mae Barbosa (2016) enfatiza que nos dias atuais “todas as áreas estão usando a imagem como elemento facilitador do conhecimento ou para valorizar a imaginação. Ler as imagens leva a fazer descobertas através delas.” Ela complementa ao dizer:

Tirar conclusões e interpretar as imagens de uma maneira melhor é importante para qualquer pessoa. Para qualquer área do conhecimento é importante interpretar. Se você criar o hábito de interpretar imagens da Arte vai refletir depois em qualquer área (Barbosa, 2016: 347-348).

Ana Mae Barbosa (2016) exemplifica que um médico necessita interpretar imagens. Ela já teve a experiência de ver médicos interpretando de formas diferentes, uma mesma radiografia de um mesmo osso. E conclui:

Através de uma boa aprendizagem de Arte que inclua o fazer, a leitura de imagens e contextualização você está preparado para interpretar todas as imagens, a imagem da televisão, a imagem do vídeo, a imagem do cinema (Barbosa, 2016: 347-348).

Nas rotinas diárias esta prática é necessária até para a segurança e orientação nos aeroportos e para a leitura das embalagens dos produtos que dizem muito, assim ressalta a autora.

Estas reflexões são fundamentais para o professor de Educação Artística, na organização de aulas e projetos na escola.

2. “Árvores da Minha Vida” — objetivos

Portanto, o trabalho que aqui se apresenta desenvolveu-se dentro das perspectivas e reflexões supracitadas. Como pré-requisito, o professor necessitaria já ter abordado com os alunos em aulas anteriores, como realizar desenhos de observação, de memória e de criação.

Os objetivos principais nestas aulas:

- Despertar o olhar indagador e o gosto pela pesquisa, observando e selecionando os espaços, fotografando árvores e/ou pesquisando imagens em revistas, jornais e internet;
- Favorecer a educação do olhar, com sensibilidade para o contexto e espaço em que vivem, em seus cotidianos;
- Ampliar a percepção para os contrastes que existem em uma cidade: entre a presença e ausência da natureza nos espaços dominados pelo urbanismo;
- Desenvolver noções de desenho de observação, desenho de memória e desenho de criação, para que, através da linguagem pictórica, os alunos possam expressar suas visões próprias acerca de um tema proposto, mediante a utilização de materiais de desenho e pintura;
- Conhecer um pouco o universo do artista Piet Mondrian, que partindo

de um tema simples como a árvore, foi capaz de sintetizá-la chegando ao abstracionismo;

- Promover reflexões a respeito dos trabalhos realizados com os alunos, fazendo com que eles reflitam também sobre seus próprios trabalhos, como uma autoavaliação;
- Realizar uma exposição aberta ao público, com todos os trabalhos realizados pelos alunos.

3. Sensibilização e contextualização iniciais

Esta proposta foi aplicada durante seis aulas. O tema foi introduzido para pesquisa prévia, de acordo com as orientações que se seguem.

Exercício prévio de sensibilização para o tema — Houve um diálogo com os alunos para que observassem as árvores da rua em que viviam, das praças e dos caminhos percorridos diariamente. Deveriam escolher duas imagens de árvores de sua preferência e/ou fotografar aquelas vistas em seu cotidiano; imprimir e fixá-las em seus cadernos; realizar um desenho em casa, inspirado em uma das imagens escolhidas. Eles apresentariam as imagens e desenhos para debate na aula seguinte (Aula 01).

Desta forma, os alunos experimentaram o contato com imagens de sua preferência e o desenho, sem saber ao certo qual seria o objetivo exato do professor.

Aula 01 — Apresentação de pesquisa e desenhos, debate e partilha. Este exercício supracitado foi uma preparação para iniciar a primeira aula, como uma breve contextualização para o aluno e contribuiu para um aquecimento antecipado do olhar, sensibilizando a percepção da presença deste elemento da natureza na cidade. Haveria árvores em casa, em sua rua, ou não? Como seriam elas? Seria necessário ir a um Parque ou Praça para ver uma árvore? Quais seriam os alunos cujas residências estariam em áreas da cidade, com ruas arborizadas? As imagens foram vistas por todos da turma, inclusive os desenhos. Os comentários sobre as árvores, suas particularidades e a troca de informações sobre as áreas arborizadas da cidade, foram muito enriquecedoras.

4. Contextualização e leitura de imagens

Aula 02 — Retomada das reflexões partilhadas com os alunos, leitura de imagens de Piet Mondrian e sua contextualização. Em ‘Árvores da minha vida’, os alunos perceberam as suas relações e a importância das árvores nos seus contextos de vida. Iniciei uma narrativa sobre a história do artista Mondrian, descrevendo sua relação com uma árvore.

Os alunos conheceram alguns quadros de árvores, pintados pelo artista e souberam que o pintor holandês Piet Mondrian (1872-1944) deixou visível em suas obras o percurso de seu pensamento estético na série de árvores pintadas entre 1908 e 1912, quando encontrou-se com a produção cubista de Braque e Picasso. Mondrian caminhou para a abstração pura, tentando revelar a realidade que estava oculta através da temática árvore. Perceberam que ao trabalhar sucessivamente nesta expressão pictórica, o artista alcançou a abstração chegando ao Neoplasticismo. Este movimento criado por Mondrian foi também conhecido como De Stijl, nome da revista que defendia as ideias do grupo de artistas, do qual ele participava. No momento seguinte à narrativa foram expostas três árvores de Piet Mondrian.

A imagem da “A Árvore Vermelha” (1909/1910, 70 cm X 99 cm) foi apresentada aos alunos para reflexão sobre o ritmo progressivo dos galhos, sobre a presença de cores mais puras como vermelho, azul e algumas pinceladas leves de amarelo, bem como o ritmo das pinceladas em preto. Os contrastes cromáticos foram observados e evidenciados pelos alunos.

A imagem da obra “A Árvore Prateada” (1911, 78,5 cm X 107,5 cm) foi exposta e os alunos perceberam que nesta, não havia tantas vibrações cromáticas. Para eles, o que mais ressaltava era a expressão dos efeitos da luz sobre a árvore. Os traços que compunham os galhos, demonstrando ritmo e movimento na pintura, em contraste com o jogo de luz e sombra levaram os alunos a concluir que o motivo da obra ter este nome dado pelo artista, resultava da sensação de prateado, provocada pelos efeitos de luminosidade alcançados na pintura.

Ao mostrar a imagem do quadro “Macieira em Flor” (1912, 78cm X 106 cm), questionei os alunos a respeito das linhas que formavam a árvore. Como elas eram? Eram mais presas, rigorosas e firmes ou estavam mais soltas, leves e despojadas? Perguntei sobre as tonalidades, quais eram as cores predominantes? Qual seria a relação entre o título da obra e as cores utilizadas? Por que o rosa suave, tons de bege e verde claro predominavam na obra?

Logo a seguir às hipóteses formuladas pelos alunos, mostrei a imagem da flor da macieira. Grande parte dos alunos não conheciam esta flor e nem a macieira. Por viverem em meio urbano, só conheciam a maçã. Ao observarem a imagem desta flor, eles concluíram que havia uma relação entre o uso das cores e o significado destas, para o artista. Perceberam que, mesmo as flores não estando presentes na árvore, estavam expressas através de uma atmosfera especial obtida pelas tonalidades.

Após a leitura destas imagens, eles saíram de sala, caminharam pela escola para eleger uma árvore que relembresse esteticamente uma das árvores de

Mondrian. A árvore eleita por eles — uma paineira — apresentava galhos mais sintéticos que, para os alunos, eram semelhantes à “Árvore prateada” de Mondrian. Vale ressaltar que há um período do ano em que estas paineiras da escola ficam repletas de flor. Naquele momento, as árvores desta espécie não tinham flores, nem folhas e apresentavam os galhos repletos de chumaços de paina branca, semelhantes a algodão, com sementes pretas. Esta fase da árvore era muito apreciada pelos alunos. Eles então realizaram desenhos e esboços em folhas brancas, ao ar livre, inspirados nesta paineira (Figura 1). Cada aluno foi orientado a expressar no desenho, a sua visão particular do tema, partindo da observação da árvore em questão.

5. O fazer artístico

Dois trabalhos foram realizados pelos alunos. O primeiro foi o desenho de observação da referida paineira, ao ar livre, sobre papel (com lápis grafite e borracha), que iniciou na Aula 02 e prosseguiu na Aula 03. Os alunos concluíram seus esboços (Figura 2), coloriram com lápis de cor, hidrocor, giz de cera, com as cores de sua preferência. Finalizaram os desenhos depois, em sala de aula (Figuras 3, 4 e 5). De acordo com as características da árvore eleita, alguns alunos manifestaram o desejo de fazer uma colagem com pequenas porções algodão branco sobre os desenhos, para remeter à ideia similar da paina sobre os galhos da árvore que observaram (Figura 6).

A sequência de fotos das fases de criação, colorido e colagem de alguns trabalhos poderá ser vista, das Figuras 2 a 6.

Aula 04 — Desenho de memória e imaginação/criação, para pintura em tela. Este foi o segundo trabalho. Os alunos recordaram mentalmente as árvores presentes em seus cotidianos. Criaram livremente, uma nova árvore, diferente das demais e desenharam-na sobre tela, com lápis grafite e borracha.

Aulas 05 e 06 — Os alunos pintaram a tela com tintas de suas preferências (guache e aquarela), conforme Figura 7. Aqueles que desejaram, deram um acabamento final com marcadores, canetas hidrocor, ou de retroprojektor com ponta mais fina (Figuras 8, 9 e 10). O mais interessante foi observar a diversidade de expressão dos alunos. Não se via uma árvore igual à outra na turma.

6. Reflexão e autoavaliação

Após o término desta atividade, no fim da Aula 06, houve um momento de reflexão/autoavaliação sobre este projeto, em conjunto. Cada aluno expôs suas ideias e redigiu um parágrafo sobre seu processo criativo, para ser exposto junto à cada tela e desenho. Qual seria o significado da árvore para cada um?

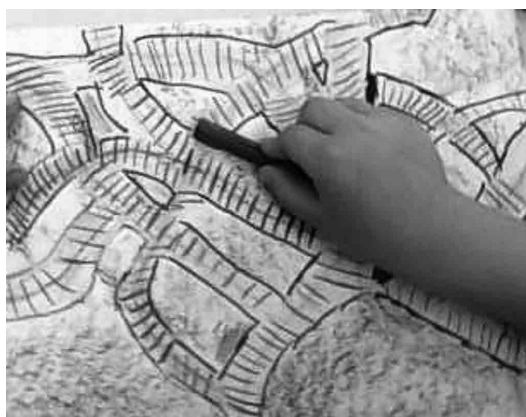
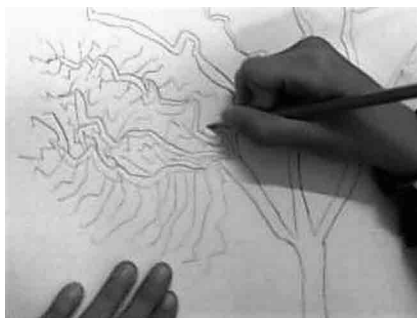


Figura 1 · Árvore paineira, do Colégio de Aplicação João XXIII, escolhida pelos alunos. Aula 02. Fonte: própria.

Figura 2 · Esboço inicial. Aula 02. Fonte: própria.

Figura 3 · Aluno a colorir sua árvore com lápis de cor. Aulas 02 e 03. Fonte: própria.

Figura 4 · Aluno a colorir sua árvore com giz de cera. Aulas 02 e 03. Fonte: própria.

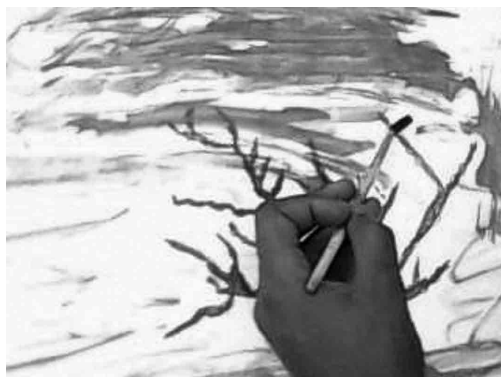
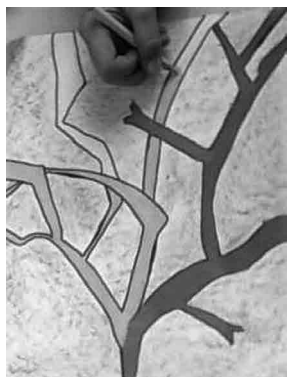


Figura 5 · Aluno a colorir sua árvore com lápis de cor e também giz de cera, ao fundo. Aula 03. Fonte: própria.

Figura 6 · Árvore com algodão, imitando a paina da paineira, como proposta de alguns alunos. Aula 03. Fonte: própria.

Figura 7 · Pintura em tela. Aula 05. Fonte: própria.

Figura 8 · Árvore finalizada em pintura sobre tela. Aula 06. Fonte: própria.

Figura 9 · Pintura de árvore finalizada, sobre tela. Aula 06. Fonte: própria.

Figura 10 · Árvore finalizada, em pintura sobre tela. Aula 06. Fonte: própria.

7. Exposição

Uma exposição foi realizada na escola com ajuda dos alunos. Foi aberta ao público, trazendo reconhecimento e incentivo a todos.

Este conjunto de 06 Aulas 'Árvores da minha Vida' possui uma síntese disponível em: <URL:<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=6839>> para consulta e download, no site Portal do Professor do Ministério da Educação e Cultura brasileiro, (Pereira, 2009). Fez parte de um programa de bolsas e seleção das melhores aulas para divulgação e partilha das experiências em Educação, em que fui bolsista durante 4 meses. Esta aula já obteve 18.546 acessos de interessados, neste referido link do site.

Conclusão

O educador deve ser um incentivador em todas as fases do processo e deve avaliar o interesse, participação e os questionamentos apresentados pelos alunos nas reflexões sobre as leituras de imagens e trabalhos feitos. Deverá acompanhá-los para analisar até que ponto envolveram-se com a proposta chegando à criação de suas árvores, verificando as ideias elaboradas, bem como a participação dos mesmos, nas observações sobre as suas pinturas em tela. O professor precisará estar atento aos alunos, às suas capacidades de percepção no desenho de observação ao ar livre, às habilidades no exercício da memória e a imaginação para o desenho de criação das telas. A experimentação de diversos materiais, assim como a criatividade do aluno em sugerir ou mesclar algumas técnicas e materiais com maior autonomia, amplia as suas possibilidades de expressão pessoal. O interesse e comprometimento do aluno caminham de mãos dadas com a descoberta e a criação.

A trajetória destas aulas apresentadas desenvolveu-se nas dinâmicas do *Observar, Investigar, Ler imagens, Contextualizar e Fazer artístico*. Enquanto metodologia e prática, este é um processo que pode ser aplicado a outros temas em sala de aula, que envolvam Arte e a percepção espacial do universo do aluno.

Acredito que o envolvimento e entusiasmo dos alunos com as aulas e as atividades de Arte são um termômetro, cuja temperatura se eleva à medida em que as propostas e temas *façam sentido e tragam sentido* aos seus contextos de vida, desenvolvendo também o espírito crítico. O desenvolvimento do olhar investigador-explorador nos alunos é um desafio para o professor. Não basta experimentar algo aleatoriamente, como quem rabisca para ver o que acontece. É preciso levar o aluno a despertar e descobrir, para criar. É preciso investigar para recriar o mundo.

Referências

- Arheim, Rudolf (1997) *Para uma psicologia da arte. Arte e Entropia, ensaio sobre a desordem e a ordem*. Lisboa: Dinalivro.
- Barbosa, Ana Mae; Cunha, Fernanda P. orgs. (2010) *A Abordagem Triangular no ensino de artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez.
- Barbosa, Ana Mae (2016) “Dialogando com Ana Mae Barbosa sobre arte” In *Atos de Pesquisa em Educação*. Entrevista. Blumenau. ISSN 1809-0354. v. 11, n.1, p.343-349, jan./abr. [Consult. 2017-04-25]. Disponível em: <URL file:///C:/Users/ljgon/Downloads/4680-17965-1-PB.pdf>
- Barbosa, Ana Mae (2008) “Entrevista com Ernest Gombrich” In *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez. pp.27-42.
- Barbosa, Ana Mae (2008) “Parâmetros internacionais dos pesquisadores em Arte Educação” In *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez. pp.9-27.
- Gombrich, Ernest Hans (1995) *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes. pp.379-381.
- Martins, Miriam Celeste; Guerra, M. Terezinha T. et al. (1998) *Didática do Ensino de Arte: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- MEC, SEF (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC. 130p. [Consult. 2017-05-10]. Disponível em: <URL: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> >
- Pereira, Cláudia Matos (2009) *Árvores da minha vida. Portal do Professor*. MEC. [Consult. 2017-04-02]
- Disponível em: <URL: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=6839> >
- Piet Mondrian*. [Consult. 2017-04-02]. Disponível em: <URL: <http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm33/Mondrian.htm> >
- Piet Mondrian*. [Consult. 2017-04-01]. Disponível em: <URL: <http://www.mondriantrust.com/> >